

LABOR E EXTRATIVISMO MINERAL: A PRESENÇA DO GARIMPO NO MUNICÍPIO DE HUMAITÁ –AM

Aldeane Almeida da Conceição

Graduanda em Pedagogia, Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

E-mail: aldeane19almeida@gmail.com

Jordeanes do Nascimento Araújo

Professor da Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

E-mail: jordeanes@ufam.edu.br

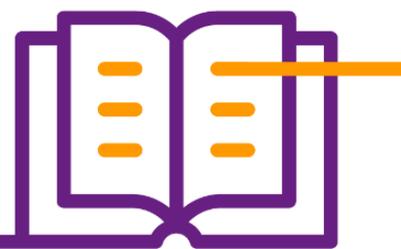
RESUMO

A presença do extrativismo mineral no rio Madeira remonta aos anos de 1950, quando garimpeiros migrantes do Mato Grosso iniciaram trabalhos de extração mineral na calha do rio Machado, afluente do rio Madeira. Nas décadas seguintes, o rio Madeira tornou-se um dos rios com maior presença de extração ilegal de ouro da Amazônia. O cenário atual da exploração do ouro na região, com centenas de balsas equipadas com maquinário especializado, se concretizou com a operação das hidrelétricas de Jirau e Santo Antônio a partir de 2014. O volume dessas usinas fez com que o solo do Rio Madeira jogasse na superfície uma camada de ouro. Um novo boom de garimpagem inicia-se no rio Madeira, apesar do monitoramento feito pelas agências federais de fiscalização. Para o ribeirão que atua no garimpo, um fator decisivo para a migração à atividade ilegal foi a cheia histórica do Madeira em 2014, que devastou comunidades e praticamente acabou com a produção agrícola beira-rio. Nesse sentido, esta proposta de pesquisa buscou investigar como o garimpo ilegal no rio Madeira imobiliza a força de trabalho familiar. Ao mesmo tempo que tenta compreender como o extrativismo mineral na calha do Madeira vem modificando a estrutura agrária familiar das comunidades locais.

Palavras-chave: Labor, garimpeiro, rio Madeira, Comunidades.

ABSTRACT

The presence of mineral extraction on the Madeira River dates back to the 1950s, when migrant miners from Mato Grosso began mineral extraction work in the Machado River, a tributary of the Madeira River. In the following decades, the Madeira River became one of the rivers with the greatest presence of illegal gold extraction in the Amazon. The current scenario of gold exploration in the region, with hundreds of ferries equipped with specialized machinery, came to fruition with the operation of the Jirau and Santo Antônio hydroelectric plants as of 2014.



The volume of these plants meant that the soil of the Madeira River was thrown into the surface a layer of gold. A new mining boom begins on the Madeira River, despite monitoring by federal inspection agencies. For riverside people who work in mining, a decisive factor in the migration to illegal activity was the historic flood of Madeira in 2014, which devastated communities and practically ended riverside agricultural production. In this sense, this research proposal sought to investigate how illegal mining on the Madeira River immobilizes the family workforce. At the same time, it tries to understand how mineral extraction in the Madeira channel has been modifying the family agrarian structure of local communities.

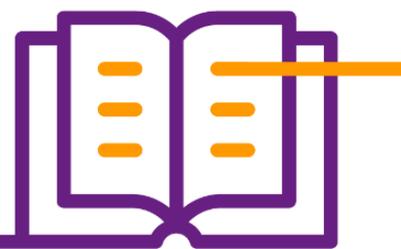
Keywords: mineral extraction, Communities, gold miner, Madeira river

INTRODUÇÃO

A presença do extrativismo mineral no rio Madeira remonta aos anos de 1950, quando garimpeiros migrantes do Mato Grosso iniciaram trabalhos de extração mineral na calha do rio Machado, afluente do rio Madeira. Nas décadas seguintes, o rio Madeira tornou-se um dos rios com maior presença de extração ilegal de ouro da Amazônia. O reconhecimento da atividade garimpeira no rio Madeira no Brasil se deu principalmente pela exploração de ouro em sua bacia. Como o rio transporta grande volume de sedimentos dentre os quais pode ser destacado o ouro, é nesses sedimentos carregados pela corrente do Madeira que o ouro é transportado desde as cabeceiras dos tributários, mais especificamente do rio Madre de Dóis, no Peru, até as planícies e várzeas da bacia amazônica no Brasil onde os ribeirinhos começaram a explorar nos anos 1950 a 1980 com a consequente alteração da paisagem e dos sistemas produtivos (SANTOS, 2009).

Na década de 1970, a exploração do ouro aluvial nas praias e barrancos, principalmente no estado de Rondônia, atraiu milhares de pessoas, vindas dos mais diversos cantos do Brasil. Estimava-se que, inicialmente, mais de cinco mil homens trabalhavam nos garimpos do madeira com bateias ou motobombas, sugando e retirando grandes quantidades de sedimentos e cascalho das praias e bancos de areia do leito do rio na década de 1980 (HERRAIZ e SILVA 2015).

No contemporâneo, Há aproximadamente 150 comunidades ribeirinhas espalhadas pelas margens do Rio Madeira, apenas no trecho de 700 km entre Porto Velho (RO) e Manicoré



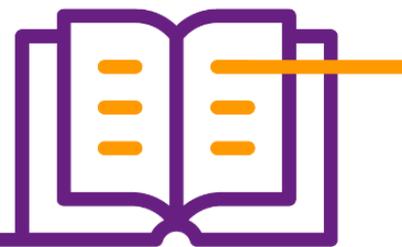
(AM). Pelo menos 40% delas estão ou já estiveram envolvidas com a extração mineral. A explosão da mineração ilegal na bacia do Madeira foi traduzida em estatísticas por um levantamento do Mapbiomas.

Segundo a organização, a área atingida mais do que dobrou entre os anos de 2007 e 2020, saltando de 37,5 para 96,6 quilômetros quadrados, o equivalente a todo o perímetro urbano de São Bernardo do Campo, cidade na região metropolitana de São Paulo. A principal responsabilidade sobre esse crescimento recai sobre o agronegócio, que injeta dinheiro no garimpo, sob incentivo direto do governo federal. O presidente Jair Bolsonaro (PL) encoraja publicamente a atividade predatória e desmontou a política de fiscalização ambiental. Os impactos mais significativos da atividade do garimpo estão relacionados aos recursos hídricos. O lançamento de óleos e graxas nos cursos d'água, a remoção das margens, encostas e camadas do leito do rio e o uso sem controle do mercúrio provocando a dispersão e poluição química da amálgama, inclusive por evaporação, sendo lançado na atmosfera.

A absorção do mercúrio, seja através da ingestão de peixes contaminados ou através de inalação, causa danos graves ao sistema nervoso humano. Também se apontam os materiais utilizados como potencialmente perigosos para os aquíferos e lençóis freáticos, devido às suas características de solubilidade e toxicidade ou por estarem associados a processos de beneficiamentos que podem gerar substâncias perigosas (HERRAIZ e SILVA 2015).

Do outro lado, quando analisamos os riscos do trabalhador, existe uma possibilidade real de o garimpeiro ser contaminado no uso de produtos tóxicos ou inflamáveis ou contrair doenças pela falta de água tratada para consumo, pelo acesso precário a saúde pública como podem ser as vacinas para doenças infectocontagiosas, pelas más condições de moradia sempre ausentes de esgoto sanitário e pela falta de higiene pessoal que potencializa a aparição de inúmeras doenças, sem falar no elevado risco físico pelo qual pode ser atingido provocado por possíveis acidentes de trabalho nas atividades relacionadas com a garimpagem, principalmente quando envolve a utilização de balsas e o mergulho em profundidade.

Ora, o garimpeiro do rio Madeira se encontra numa encruzilhada pela falta de políticas públicas destinadas as comunidades tradicionais, o mesmo tem como a única alternativa a



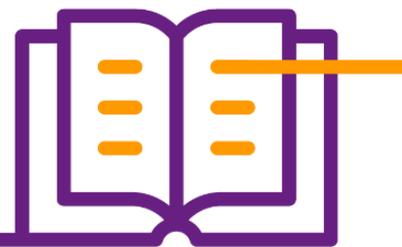
prática do extrativismo mineral. Para ele, o garimpo significou e significa uma oportunidade única de ascensão social. O recurso econômico que abriu caminho para exploração mineral em larga escala no rio Madeira é o mesmo que promove o avanço do chamado arco do desmatamento no sul do Amazonas.

Os responsáveis pela expansão da fronteira agrícola, grandes investidores do agronegócio, são também os que detêm um grande número de balsas de garimpagem na calha do rio Madeira. Com a falta de políticas públicas de incentivo à agricultura familiar ou acesso a direitos sociais como saúde, educação e emprego, a “população ribeirinha” vê no garimpo uma alternativa possível de melhoria das condições de vida. O governo federal bolsonarista estimulou o aumento da garimpagem no rio Madeira, e o agronegócio financia a garimpagem no Rio Madeira. Nesse sentido, aquele pai ou mãe de família, acaba sendo levado, sendo cooptado pelo dinheiro promovido pela extração do ouro.

A lavra garimpeira reproduz, portanto, uma situação colonial. Nesse sentido, esta pesquisa buscou investigar como o garimpo ilegal no rio Madeira imobiliza a força de trabalho familiar. Ao mesmo tempo que tenta compreender como o extrativismo mineral na calha do Madeira vem modificando a estrutura agrária familiar das comunidades locais.

O cenário atual da exploração do ouro na região, com centenas de balsas equipadas com maquinário especializado, se concretizou com a operação das hidrelétricas de Jirau e Santo Antônio a partir de 2014. O volume dessas usinas fez com que o solo do Rio Madeira jogasse na superfície uma camada de ouro. Um novo boom de garimpagem inicia-se no rio Madeira, apesar do monitoramento feito pelas agências federais de fiscalização. Para o ribeirinho que atua no garimpo, um fator decisivo para a migração à atividade ilegal foi a cheia histórica do Madeira em 2014, que devastou comunidades e praticamente acabou com a produção agrícola beira-rio. Por fim, A extração do ouro na calha do Madeira causa sérios impactos no ecossistema e certamente está aprofundando a crise ecológica do bioma.

Esta pesquisa tomou forma, a partir das leituras abordadas sobre o garimpo na região da bacia do rio Madeira. Com base em Marconi e Lakatos, tentamos relacionar esta pesquisa como de cunho bibliográfico e trabalho de campo, ou seja, tratou-se de um levantamento de



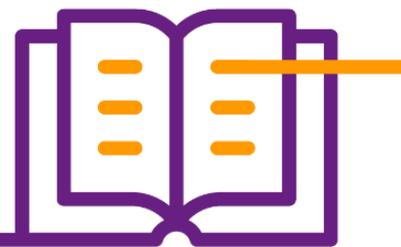
toda a bibliografia já publicada sobre o garimpo no rio Madeira, em formas de livros, relatórios sobre o garimpo e os garimpeiros no rio Madeira, laudos de mineração, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. Desta forma, foi possível compreender o problema posto em questão, ou seja, as mazelas ambientais e sociais provocadas pela extração mineral na bacia do rio Madeira. Além disso, lemos alguns trabalhos acadêmicos que nos ajudaram a pensar o labor do garimpeiro e as consequências ambientais provocadas ao longo dos anos na calha do rio Madeira e seus afluentes. No segundo momento da pesquisa, fizemos entrevistas com algumas famílias que vivem e sobrevivem da atividade garimpeira.

“O COMPLEXO MADEIRA”

Há diversas fontes documentais como ilustrações e outros arquivos que mostram o interesse econômico na região do Complexo do Madeira que possui grande riqueza em recursos naturais. Muitas expedições, realizadas no século XVIII, já apontavam para essa grande fonte de beleza e recursos naturais. Essas narrativas foram muito importantes para despertar interesses nessa região.

Na atualidade, esses interesses se mantêm, mesmo depois de ter havido um massacre dos povos e devastação do meio ambiente em favor de interesses capitalistas. A região amazônica do Rio Madeira não se constitui apenas de um patrimônio material, mas cultural, portanto, instituída socialmente pelos povos tradicionais, quilombolas e ribeirinhos. Mas isso tudo é desconsiderado em favor de um grupo poderoso que anseia por saquear, desmatar, queimar, vender e explorar de forma desenfreada as matas, os rios, os minérios etc.

Conforme Almeida (2009), os pesquisadores consideram que o “Complexo do Madeira” ultrapassa o geográfico de rio e de território, está atravessado por ideias, interesses empresariais, conflitos jurídicos, planos oficiais de governo e por ações e práticas das comunidades tradicionais, ribeirinhos, indígenas e povos que habitam essa região. Nesse sentido, está imbricado nessa perspectiva os conflitos entre os interesses econômicos sobre a região e os das comunidades e povos que ali habitam.



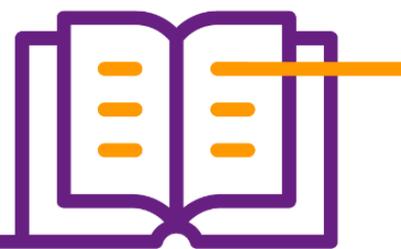
Há um conjunto de interesses em construção de rodovias, hidrelétricas e programas como PAC, PDE, com objetivos de trabalhar infraestrutura energética e logística. Porém, esses programas não levam em consideração a presença e os interesses dos povos e comunidades tradicionais. O Estado, na contramão dos interesses coletivos destes, se aliam aos interesses empresariais que propagandeam suas ações como benéficas à Amazônia. Essa aliança entre Estado e interesses econômicos dos empresários reforça e aumenta índices de desmatamento, devastação ambiental, concentração fundiária e conflitos agrários.

O chamado “Esquema desenvolvimentista” com obras de infraestrutura como hidrelétricas, rodovias e ferrovias, dos anos 70 reaparece sem considerar os danos e erros dessas experiências passadas como a de Balbina e do Projeto Jarí, e da devastação ambiental causadas por mineradoras, madeireiras e agropecuárias. Diante dessa realidade, estas pesquisas apontam um risco dos impactos profundos que essas ações devastadoras podem causar as bacias hidrográficas da Amazônia e o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (ONU) alerta para o perigo de alterações na temperatura média na região amazônica.

Está mais do que claro que o progresso dos interesses empresariais corresponde ao progresso do latifúndio e se choca diretamente com a preservação do meio ambiente e com as condições de vida dos povos e comunidades tradicionais. Estas pesquisas são de fundamental importância para que se possa avaliar a dimensão do impacto causado ao meio ambiente, aos rios e comunidades e povos tradicionais. A ciência e a tecnologia são importantes ferramentas para que os rumos desse processo acelerado de devastação ambiental sejam modificados.

Na realidade atual, é possível perceber que os danos ambientais têm se tornado cada vez maiores em razão do desenfreado trabalho de desmatamento e exploração mineral a qual os interesses econômicos geridos por empresários nacionais e internacionais, submetem à região amazônica. O Estado continua na contramão da preservação ambiental e da vida dos ribeirinhos, quilombolas e povos indígenas se aliando de forma escancarada ao agronegócio e agroindústria.

A PRESENÇA DO GARIMPO NO RIO MADEIRA



Aos nos debruçarmos sobre a história do garimpo no rio madeira, vários autores nos informam sobre a presença desta prática que remonta a década de 1950 no território de Rondônia e ir vindo para as comunidades na bacia do rio Madeira.

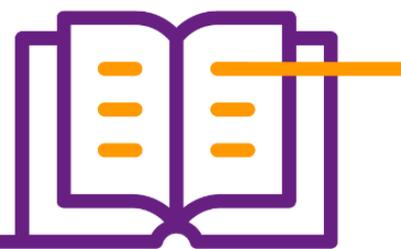
Soares (2000), nos informa sobre a atuação dos garimpos no Rio Madeira ao longo do século XX. Segundo a autora, essa atividade é praticada há mais de 20 anos no rio e é considerada uma das mais violentas e destrutivas ao meio ambiente. A questão dos garimpos está inserida no chamado “Complexo do Madeira” junto com outros problemas ambientais como o da BR-319, construção de usinas hidrelétricas, extração mineral, conflitos fundiários, entre outros.

Na década de 1980 a meados de 1990 essas práticas de garimpo foram intensas em especial no Estado do Pará em reservas ambientais, no norte do Estado do Mato Grosso, no alto Rio Negro no Amazonas, em Roraima e no Rio Madeira, Amazonas e Rondônia. Isto foi reduzido sob o governo Collor de Mello pois alguns jazimentos foram autorizados apenas para exploração industrial. Os grupos garimpeiros que aí atuavam deslocaram-se para outras regiões, países vizinhos e outros estados como o Amapá.

A grande efervescência na busca pelo ouro, foi também marcada por intensos conflitos sociais com grandes mobilizações contra o garimpo e a destruição do meio ambiente. A União das Associações e Sindicatos da Amazônia Legal (USAGAL) chegou a constituir uma liderança nacional, o Sr. Altino Machado. Os garimpos se projetavam sem o mínimo de preocupação com o meio ambiente, e além disso, havia um caráter de depravação entre os garimpeiros em que estes criavam prostíbulos, bares, casas de jogo etc.

Conforme Soares (2009), o art. 174 da Constituição Federal Brasileira de 1988, em seu terceiro parágrafo, afirma que o Estado favorecerá a organização do garimpo considerando a preservação ambiental e promoção econômica e social dos garimpeiros. Porém, há uma vasta discussão sobre esse capítulo já que, na prática, os garimpos não se preocupam com a destruição ambiental executam-se de forma desenfreada a atividade garimpeira.

Para o licenciamento do garimpo há uma série de exigências como comprovação de residência de pelo menos dois anos no município. A delimitação do território a ser explorado



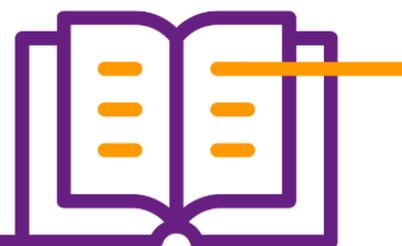
deve ser concedida pelo DNPM, senão o garimpo é considerado irregular. Legalmente, existe o Estatuto do Garimpeiro constituído pela lei 11.685, de 2 de junho de 2008 em que há uma definição de garimpo e garimpeiro assim o lócus da extração. Dentro da lei, o exercício só poderia ser iniciado após autorização do órgão competente.

Estando sob o controle da DNPM o Estatuto prevê, entre outras exigências, que a atividade do garimpo será objeto de políticas públicas e que as associações de garimpo e os garimpeiros devem recuperar as áreas destruídas, cumprir a legislação em relação à segurança e saúde, e proíbe garimpo para menores. Com 437 filiados em maio de 2009, o presidente da associação dos garimpeiros do Madeira diz que o garimpeiro é todo aqueles exercem as atividades nas margens do rio, no Amazonas. No momento atual, temos 700 garimpeiros associados ao extrativismo mineral em Humaitá (Dados de campo 2022).

O presidente da associação também diz que de acordo com a nova legislação não houve ocorrências de acidentes e assassinatos, o que é considerado um fator importante em relação ao que ocorria antes. Sem lei e organização esses perigos eram mais iminentes, bem como a destruição do ambiente mais severa e descontrolada. Há também um destaque em relação ao uso da retorta que colabora com a não destruição do meio ambiente impedindo a evaporação do mercúrio.

A cooperativa dos garimpeiros é também uma importante forma de organização e viabilização da fiscalização do garimpo por atuar como mediadora e garantir que as leis e o Estatuto do Garimpeiro sejam garantidos e executados. Por outro lado, a cooperativa deve também se responsabilizar pela infração da lei como danos ao meio ambiente. Há um limite delimitado pelo Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) para a atuação dos garimpeiros, este não deve ser ultrapassado conforme consta na lei.

Em suma, percebe-se a de extração aurífera, como esta está organizada e como ela aparece dentro da lei e fora da lei. O garimpo legal, nessa perspectiva, seguiria leis e o Estatuto do Garimpeiro para garantir uma boa relação entre o garimpo e o meio ambiente. Porém, a realidade mostra que essa relação tem se mostrado cada vez mais destrutiva ao meio ambiente. Desde que surgiu, a extração do ouro tem se tornado uma atividade crescente no Rio Madeira



e tem sido motivo para conflitos e lutas entre garimpeiros e os povos tradicionais, e também entre empresários beneficiados por essa atividade e defensores em geral do meio ambiente.

Em 2009, Soares construiu uma tabela evidenciando as comunidades envolvidas com a pratica de garimpo nas proximidades de Humaitá-Am.

Quadro 1. Localidades identificadas pelo DNPM nas permissões de lavra garimpeira (PLG), no município de Humaitá-AM.

Quantidade	Quantidade No município de Humaitá	Quantidade	No município de Humaitá
1	Salmão	19	Carapanatuba
2	Goiabal	20	Restauração
3	Gaivota	21	Tabuleta
4	Farinha	22	Zé Marques
5	Tadeu	23	Zeca Diabo
6	Barreira	24	Boca do Lago do Antônio
7	Ilha do Tambaqui	25	Trapiche
8	Igarapé Tambaquzinho	26	DUCA
10	Parazinho	27	TAPURU
11	SATA ROSA	28	Boa Sorte
12	JOANA	29	São Domingos
13	PACOVAL	30	Baiano
14	SINTRA	31	Boca do Acará
15	PIRAIBAS	32	Bom Futuro
16	RETIRO	33	Valparaíso
17	PRAINHA	34	Umiri
18	MALVINAS	35	Praia Bom Intento

Fonte: DNPM, localidades georreferenciadas. 2008. Organização: Ana Paulina Aguiar Soares.

Vale ressaltar que, todas ou mais comunidades de Humaitá no contemporâneo estão envolvidas diretamente e indiretamente na extração de ouro no rio Madeira, seja trabalhando na lavra, seja fazendo trabalhos de cozinheira ou cozinheiro ou outros serviços que aparecem no processo de garimpagem as margens do rio Madeira.

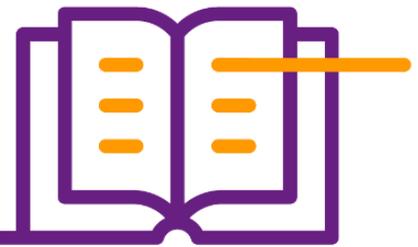


Figura 1. Balsa de Garimpo.



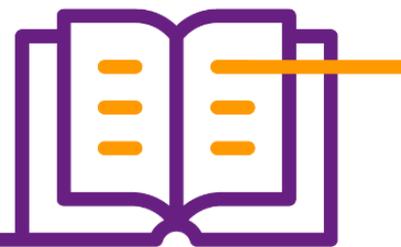
Fonte: <<https://www.diariodaamazonia.com.br/mais-de-20-balsas-de-garimpo-ilegal-sao-destruidas-no-rio-madeira/>> Acesso em: 09 fev. 2022.

O CONTEXTO SOCIAL DOS GARIMPEIROS DE HUMAITÁ

O contexto social dos garimpeiros é influenciado por uma série de fatores que moldam suas condições de vida e trabalho. Vale ressaltar que as condições podem variar amplamente entre diferentes grupos de garimpeiros e ao longo do tempo. Mas os fatores mais importantes e de grande influência que podemos citar são:

Economia: A atividade de garimpo desempenha um papel significativo na economia da região, e muitas vezes oferece uma oportunidade de renda para aqueles que não tem outras opções de sustento.

Condições de trabalho quase desumanas: Garimpeiros geralmente enfrentam condições desafiadoras de trabalho. Como jornadas de trabalho longas, o trabalho que é frequentemente árduo e fisicamente exigente. A questão da saúde e segurança que nem sempre atendem aos padrões adequados.



Regularização: Muitos garimpos operam de forma ilegal, e isso pode criar diversas situações.

Impacto ambiental: O garimpo pode ter um impacto significativo no meio ambiente, incluindo o desmatamento, a manipulação do solo e a contaminação da água por produtos químicos usados no processo de remoção.

Comunidades locais: A presença dos garimpeiros pode afetar as dinâmicas sociais.

Entre outras coisas. O Contexto social dos garimpeiros é complexo e multifacetado. Ele está sujeito a mudanças ao longo do tempo e pode ser afetado por políticas governamentais, a situação econômica, as condições ambientais e outros fatores.

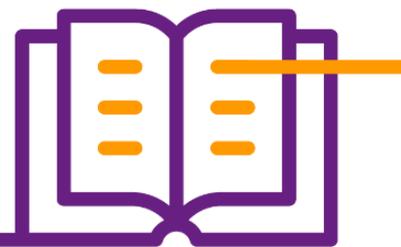
Além disso, as experiências individuais dos garimpeiros podem variar amplamente dependendo de sua posição socioeconômica e outros aspectos de sua vida. Foram realizadas entrevistas (em anexo) com cinco garimpeiros que atuam no garimpo de Humaitá e a partir delas pode-se observar as mudanças que podem ocorrer de uma pessoa para outra.

Vale ressaltar que, o contexto é o mesmo, ou seja, o labor no garimpo, mas as questões postas nos permitem aprofundar a falta de políticas públicas voltadas para as comunidades tradicionais próximas dos garimpos.

Nesse sentido, o garimpo não apenas reproduz uma desestruturação na estrutura agrária familiar local, como também acentua, sérias consequências tanto para o trabalhador (garimpeiro) quanto para os moradores das redondezas (comunidades) dos garimpos e para os consumidores dos peixes do rio. A extração do ouro acontece através das balsas, que são pequenas dragas que reviram o leito do rio em busca do metal. Para o processo de separação do ouro das impurezas, o que não é economicamente valioso, frequentemente é usado o mercúrio.

O mercúrio trata-se de uma substância consideravelmente tóxica, é o que torna-se preocupante na prática do garimpo no rio e no solo, pois o mesmo gera uma poluição agressiva, com profundos impactos na saúde humana e no meio ambiente.

Os garimpeiros dessa região da bacia do Madeira não utilizam os equipamentos de proteção individual – EPI's, para manusear o mercúrio, que no local é chamado de *Azougue*.



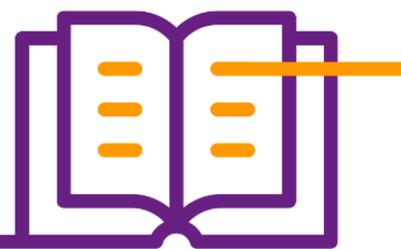
Das inúmeras vezes que trabalhei no garimpo, os colegas de trabalho, nunca utilizaram luvas, avental ou botas para fazer a manipulação do mercúrio.

A não utilização dos EPI's por parte dos garimpeiros coloca em risco sua saúde, o contato direto com o mercúrio e os demais materiais que ali se encontram no processo de separação do ouro não apenas afeta o corpo do garimpeiro, mas toda biodiversidade que está em seu entorno. Diante desse cenário, a falta de políticas ambientais, de educação ambiental e manejo correto do mercúrio é perceptível na maioria dos casos demonstrados nos diálogos com os garimpeiros. Os mesmos não compreendem a gravidade da consequência que o mercúrio causa a saúde humana, aos animais, e além de contaminar o solo e água trazendo um enorme prejuízo ao meio ambiente.

No contemporâneo, há aproximadamente 150 comunidades ribeirinhas espalhadas pelas margens do rio madeira, apenas no trecho de 700 km entre Porto Velho – RO e Manicoré – AM. Pelo menos 40% delas estão ou já estiveram envolvidas com a extração mineral. A explosão da mineração ilegal na bacia do madeira foi traduzida em estatísticas por um levantamento do Mapbiomas. Segundo a organização, a área atingida mais do que dobrou entre os anos de 2007 e 2020, saltando de 37,5 para 96,6 quilômetros quadrados, o equivalente a todo o perímetro urbano de São Bernardo do Campo, cidade na região metropolitana de São Paulo. A principal responsabilidade sobre esse crescimento recai sobre o agronegócio, que injeta dinheiro no garimpo, sob incentivo direto do governo federal.

O Ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) encorajava publicamente a atividade predatória e desmontou a política de fiscalização ambiental. Os impactos mais significativos da atividade do garimpo estão relacionados aos recursos hídricos. O lançamento de óleos e graxas nos cursos d'água, a remoção das margens, encostas e camadas do leito do rio e o uso sem controle de mercúrio provocando a dispersão e poluição química da amálgama, inclusive por evaporação, sendo lançado na atmosfera. A absorção do mercúrio, seja através da ingestão de peixes contaminados ou através de inalação, causa danos graves ao sistema nervoso humano.

A atividade do garimpo sempre foi forjada por lutas e conflitos em diferentes épocas no contexto brasileiro. No contemporâneo, os garimpeiros continuam buscando e enfrentando



diferentes conflitos em busca de espaços políticos e reconhecimento legal de seu trabalho seja artesanal ou ilegal. Tendo em vista que, desde os primórdios, o garimpo, é marcado por intensos conflitos sociais. Vale ressaltar que, o garimpo e suas instalações aconteciam e acontecem sem a preocupação com os impactos ambientais. No passado, havia práticas depravadas, como por exemplo, a instalação de prostíbulos, bares e casas de jogos, dessa forma, os garimpos além da atividade ilegal, levava um não reconhecimento moral para o ambiente de trabalho.

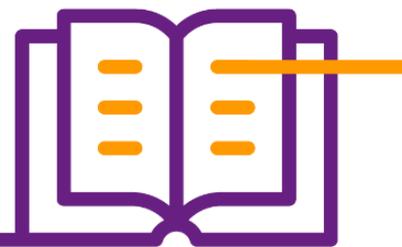
Um outro ponto importante é a licença do trabalho de garimpagem. Para o licenciamento do trabalho garimpeiro existe uma gama de exigências, como por exemplo: a delimitação do território a ser explorado deve ser autorizada pela ANM, e será essas licenças que determinará a legalidade da prática garimpeira. Sem essas condicionantes, o garimpo é considerado irregular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, o Estado Brasileiro estabelece uma relação no modelo mitológico da mão de Janus¹ contra os garimpeiros, contra as comunidades tradicionais que ao não serem contemplados com políticas de desenvolvimento agrário adentram ao mundo da garimpagem como forma de subsistência e sobrevivência das condições de existência. Assim, o Estado brasileiro, cria políticas públicas passageiras de governo que tem fundamento na efemeridade da estrutura agrária familiar. Tais políticas de governo não se transformam em políticas de Estado, gerando insegurança para as diferentes comunidades tradicionais da Amazônia.

Tais questões postas podem analisadas pela diferença orçamentaria destinada ao Plano Safra de 2023 no governo atual, foram destinados apenas 71.6 bilhões para a agricultura familiar, enquanto o Agronegócio irá receber 364, 2 bilhões de recursos públicos. A agricultura familiar representa um montante apenas de 18/% do valor destinado ao Agro. A disparidade de

¹ Jano (do latim Janus ou Ianus) foi o deus romano das mudanças e transições. A divindade era representada com duas faces viradas para direções opostas, as quais simbolizavam os términos e os começos, o passado e o futuro, o dualismo relativo de todas as coisas. Sendo considerado uma das divindades mais importantes do arcaico panteão romano, era muitas vezes equiparado ao deus Júpiter (BARBOSA, Revista InterAção, v. 12, n. 12, jan/jun 2017).



recursos, reforça análise de uma desigualdade econômica e social permanente, e coloca diferentes agentes sociais (garimpeiros, comunitários tradicionais e outros) em situações de ilegalidade ao abandonar suas roças ao longo da Amazônia por falta de políticas de ESTADO permanentes, para adentrar ao Mundo do garimpo nas margens do rio Madeira.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A.; WAGNER, B. **Terras de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livres”, “castanhais do povo”, faxinais e fundo de pasto: terras tradicionalmente ocupadas.** Manaus: EDUA/PPGSCA/UFAM, 2006

ALMEIDA, A.; WAGNER, B. **Conflitos Sociais no rio Madeira.** Manaus: UEA edições 2009.

ALMEIDA, A.; WAGNER, B. **Consulta e participação: crítica à metáfora da teia de aranha.** Manaus: UEA edições 2013 ALMEIDA, A.; WAGNER, B. (Orgs). **Mineração e Garimpo em Terras tradicionalmente ocupadas: conflitos sociais e mobilizações étnicas.** 1. Ed. - Manaus: UEAEdições/ PNCSA, 2020.

BARAHUNA, G. **Conflitos Socioambientais no rio Madeira.** (tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Amazonas.

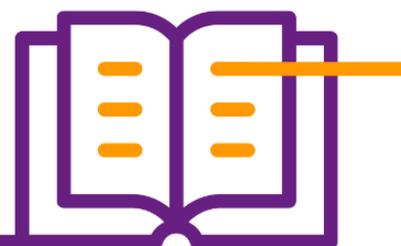
BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Lisboa: DIFEL, 1989.

BOURDIEU, P. **A miséria do Mundo.** Petrópolis: Vozes, 1999.

GEERTZ, C. O saber local. **Novos ensaios em antropologia interpretativa.** Petrópolis: Vozes, 2001.

LAKATOS, E.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI. IDENTIFICAÇÃO/DELIMITAÇÃO T. I. TENHARIM. 08620.0003118|97-55, Interessado:



Grupo Indígena Tenharim. Documento primário Espécie: QE, nº 004, Procedência: ADRPVH.
Data: 29/03/1984.

PAJOLLA, M. **Garimpo ilegal provocou 90% das mortes por conflitos no campo em 2021**, aponta CPT. Brasil de Fato. Lábrea – AM, 18 de abril de 2022. Disponível em:
< <https://www.brasildefato.com.br/> > Acesso em: 09 fev. 2023.

RAQUEL, M. **Entenda como acontece o garimpo ilegal em terras indígenas na região norte do Brasil**. Brasil de fato. 2021. Disponível em:
<<https://www.brasildefato.com.br/2021/04/08/entenda-como-acontece-o-garimpo-ilegal-em-terras-indigenas-na-regiao-norte-do-brasil>> Acesso em: 20 de set. de 2021.

ANEXO 1 - ENTREVISTA COM TRABALHADORES DA ATIVIDADE GARIMPEIRA

1º Entrevistado:

Idade: 34

Lugar onde nasceu: Itacoatiara – AM

1) Nome do entrevistado?

Entrevistado 1

2) Idade?

34 anos

3) O (A) senhor (a) permite gravar em áudio a entrevista?

Sim

4) O (A) senhor (a) poderia falar um pouco sobre como chegou nessa cidade?

Minha família é de Itacoatiara, quando eu tinha uns 5 anos meus pais se mudaram para a cidade, e como eu era criança obviamente tive que vim com eles, e desde então moro aqui em Humaitá.

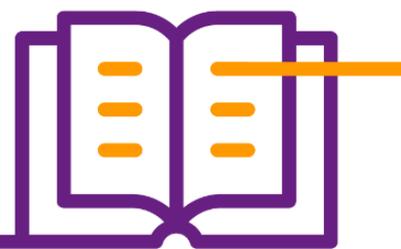
5) O (A) senhor (a) trabalha no garimpo? Ou realiza outra forma de trabalho? Se sim, qual?

Sim, trabalho no garimpo desde os meus 20 anos.

6) Como o (a) senhor (a) começou a trabalhar no garimpo? Sua família já trabalhava antes?

Meu pai quando chegou na cidade teve uma certa dificuldade em arrumar um emprego para manter a família, e foi assim que ele começou a trabalhar no garimpo, e com o tempo eu acabei seguindo na mesma direção.

7) O (A) senhor (a) conhece a história do garimpo em Humaitá? Se conhece, poderia falar um pouco.



Sei pouca coisa na verdade, meu pai contava histórias quando era pequeno, dizia algumas coisas sobre os primeiros homens que encontraram ouro na região, mas faz muito tempo e por isso não lembro de quase nada.

8) Saberria dizer quem era os primeiros garimpeiros moradores a trabalhar com o garimpo? Infelizmente não sei, como não somos da cidade não sabemos algumas informações mais antigas.

9) Quais os conflitos sociais que afetam os garimpeiros e o garimpo? O (A) senhor (a) poderia falar sobre esses conflitos?

Temos muitas questões de conflitos sociais, mas ao meu ver uma das piores é a disputa de território, pelo fato de que as pessoas matam e morrem pelo poder, e ficar no meio dessa confusão não é nada legal e nem seguro para qualquer pessoa, principalmente para quem trabalha aqui.

10) O (A) senhor (a) já presenciou outros garimpeiros vindo de outros lugares para trabalhar no garimpo nas proximidades de Humaitá?

Sim, algumas pessoas vêm de outros lugares em busca de riqueza e de uma vida melhor.

11) A pesca por outras pessoas afeta a sobrevivência da comunidade?

Ao meu ver não, pois se trata de outro produto.

12) Como vocês garimpeiros descartam o lixo e os produtos no meio Ambiente? Existe coleta desse material?

Infelizmente o lixo é descartado de forma totalmente errada no meio ambiente mesmo. Por diversas razões, como falta de fiscalização entre outras coisas.

2° Entrevistado:

Idade: 25

Lugar onde nasceu: Maués – AM

1) Nome do entrevistado?

Entrevistado 2

2) Idade?

25 anos

3) O (A) senhor (a) permite gravar em áudio a entrevista?

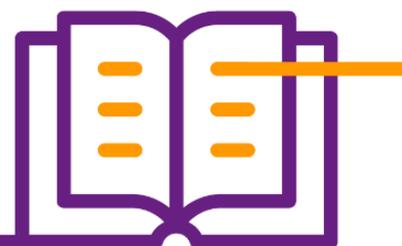
Sim

4) O (A) senhor (a) poderia falar um pouco sobre como chegou nessa cidade?

Cheguei aqui através de amigos lá da minha cidade, eles me garantiram que temos como ganhar bastante dinheiro no garimpo, então vim tentar a sorte.

5) O (A) senhor (a) trabalha no garimpo? Ou realiza outra forma de trabalho? Se sim, qual?

Sim, trabalho no garimpo.



6) Como o (a) senhor (a) começou a trabalhar no garimpo? Sua família já trabalhava antes? Comecei a trabalhar pela indicação de outra pessoa, minha família não trabalha no garimpo.

7) O (A) senhor conhece a história do garimpo em Humaitá? Se conhece, poderia falar um pouco.

Não conheço nada sobre a história do garimpo na cidade. Pois não sou daqui.

8) Saberria dizer quem era os primeiros garimpeiros moradores a trabalhar com o garimpo? Infelizmente não sei, como sou nova na cidade, não sei de quase nada.

9) Quais os conflitos sociais que afetam os garimpeiros e o garimpo? O (A) senhor (a) poderia falar sobre esses conflitos?

Um das maiores questões que causam conflito aqui é a questão da poluição ao meio ambiente. Muita coisa é descartada de forma totalmente errada.

10) O (A) senhor (a) já presenciou outros garimpeiros vindo de outros lugares para trabalhar no garimpo nas proximidades de Humaitá?

Sim, como falei, eu mesmo fiz isso. E com outras pessoas não são diferentes.

11) A pesca por outras pessoas afeta a sobrevivência da comunidade?

Não, vejo que nos ajuda, pois é alimento e todos nós precisamos.

12) Como vocês garimpeiros descartam o lixo e os produtos no meio Ambiente? Existe coleta desse material?

O lixo é descartado de qualquer jeito, como falei esse é um dos maiores motivos de conflito aqui. E não existe nenhuma forma de coleta.

3° Entrevistado:

Idade: 41

Lugar onde nasceu: Humaitá – AM

1) Nome do entrevistado?

Entrevistado 3

2) Idade?

41 anos

3) O (A) senhor (a) permite gravar em áudio a entrevista?

Sim

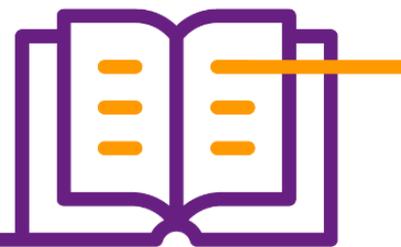
4) O (A) senhor (a) poderia falar um pouco sobre como chegou nessa cidade?

Minha família é toda daqui, por isso nasci e cresço aqui em Humaitá.

5) O (A) senhor (a) trabalha no garimpo? Ou realiza outra forma de trabalho? Se sim, qual?

Sim, trabalho no garimpo há muito tempo.

6) Como o (a) senhor (a) começou a trabalhar no garimpo? Sua família já trabalhava antes?



Meus avós e pais trabalhavam no garimpo e isso foi passado para todos da nossa família. Como se fosse uma linhagem.

7) O (A) senhor conhece a história do garimpo em Humaitá? Se conhece, poderia falar um pouco.

Ao que sei tudo começou quando alguns pescadores durante sua atividade de pesca começaram a encontrar ouro, no começo era com menos frequência quase que raridade, mas com o passar do tempo se tornou mais frequente, e foi assim que começou o garimpo na cidade, e cada vez cresce mais.

8) Saberá dizer quem era os primeiros garimpeiros moradores a trabalhar com o garimpo? De nome é difícil lembrar pois faz tempo que começou, mas foram os próprios pescadores que se tornaram os primeiros garimpeiros.

9) Quais os conflitos sociais que afetam os garimpeiros e o garimpo? O (A) senhor (a) poderia falar sobre esses conflitos?

Durante todos esses anos que eu moro aqui, um dos maiores conflitos é a questão da saúde, devido a exposição de produtos químicos, muitas pessoas acabam adoecendo e morrendo, já que não tem um tratamento adequado.

10) O (A) senhor (a) já presenciou outros garimpeiros vindo de outros lugares para trabalhar no garimpo nas proximidades de Humaitá?

Sim, isso é muito frequente por essas áreas.

11) A pesca por outras pessoas afeta a sobrevivência da comunidade?

Acredito que isso depende muito, se não misturar a pesca com o ouro acredito que não atrapalha de nenhuma forma.

12) Como vocês garimpeiros descartam o lixo e os produtos no meio Ambiente? Existe coleta desse material?

Não temos nenhum tipo de coleta de material, principalmente em relação aos resíduos químicos. É tudo descartado no meio ambiente mesmo.

4° Entrevistado:

Idade: 19

Lugar onde nasceu: Humaitá – AM

1) Nome do entrevistado?

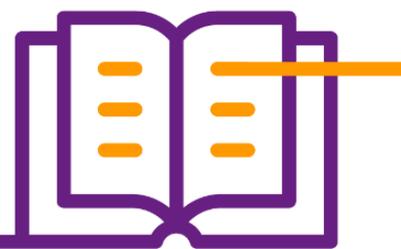
Entrevistado 4

2) Idade?

19 anos

3) O (A) senhor (a) permite gravar em áudio a entrevista?

Sim



4) O (A) senhor (a) poderia falar um pouco sobre como chegou nessa cidade?

Minha mãe se mudou para cá no mês em que nasci, e acabei me criando aqui na cidade mesmo.

5) O (A) senhor (a) trabalha no garimpo? Ou realiza outra forma de trabalho? Se sim, qual?

Sim, trabalho no garimpo a uns 7 meses.

6) Como o (a) senhor (a) começou a trabalhar no garimpo? Sua família já trabalhava antes?

Minha mãe trabalha no garimpo há algum tempo, então através de alguns conhecidos ela conseguiu uma vaga para mim.

7) O (A) senhor conhece a história do garimpo em Humaitá? Se conhece, poderia falar um pouco.

Não sei de nada, como disse sou nova na área.

8) Saberria dizer quem era os primeiros garimpeiros moradores a trabalhar com o garimpo?

Não detalhadamente, mas a boatos que foram os pescadores locais da época.

9) Quais os conflitos sociais que afetam os garimpeiros e o garimpo? O (A) senhor (a) poderia falar sobre esses conflitos?

No pouco tempo que estou trabalhando aqui, notei que um dos maiores conflitos se dá pela falta de infraestrutura básica, pois pelo o que os mais velhos falam, isso nunca existiu aqui.

10) O (A) senhor (a) já presenciou outros garimpeiros vindo de outros lugares para trabalhar no garimpo nas proximidades de Humaitá?

Sim, sempre tem pessoas novas.

11) A pesca por outras pessoas afeta a sobrevivência da comunidade?

Algumas pessoas acreditam que sim e outras que não, eu sinceramente não tenho uma opinião formada sobre.

12) Como vocês garimpeiros descartam o lixo e os produtos no meio Ambiente? Existe coleta desse material?

Pelo que observei durante esse pouco tempo que estou trabalhando aqui, percebi que tudo é descartado no meio ambiente mesmo, sem nenhum tipo de fiscalização.

5° Entrevistado:

Idade: 24 anos

Lugar onde nasceu: Manaus – AM

1) Nome do entrevistado?

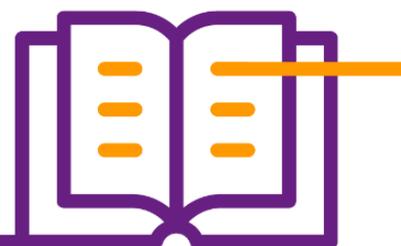
Entrevistado 5

2) Idade?

24 anos

3) O (A) senhor (a) permite gravar em áudio a entrevista?

Sim



4) O (A) senhor (a) poderia falar um pouco sobre como chegou nessa cidade?

Me mudei para cá há uns dois anos, vim para conhecer minha namorada que conheci pela internet, e acabei gostando da cidade e decidir ficar.

5) O (A) senhor (a) trabalha no garimpo? Ou realiza outra forma de trabalho? Se sim, qual? Sim, consegui um dos melhores empregos do garimpo.

6) Como o (a) senhor (a) começou a trabalhar no garimpo? Sua família já trabalhava antes? O pai da minha namorada trabalha no garimpo, e ele conseguiu uma vaga para mim.

7) O (A) senhor conhece a história do garimpo em Humaitá? Se conhece, poderia falar um pouco.

Como sou de outra cidade, não sei de nada sobre.

8) Saberá dizer quem era os primeiros garimpeiros moradores a trabalhar com o garimpo? Não, mas os antigos dizem que foram alguns pescadores os primeiros garimpeiros.

9) Quais os conflitos sociais que afetam os garimpeiros e o garimpo? O (A) senhor (a) poderia falar sobre esses conflitos?

Desde minha cidade ouço sobre o conflito com os povos indígenas, pois muitas vezes os garimpeiros acabam invadido o espaço dos índios, e isso sempre causa muitos problemas.

10) O (A) senhor (a) já presenciou outros garimpeiros vindo de outros lugares para trabalhar no garimpo nas proximidades de Humaitá?

Sim, muitas pessoas acabam vindo para cá e decidem ficar.

11) A pesca por outras pessoas afeta a sobrevivência da comunidade?

Na minha humilde opinião, acredito que não.

12) Como vocês garimpeiros descartam o lixo e os produtos no meio Ambiente? Existe coleta desse material?

Infelizmente o lixo é descartado no próprio meio ambiente, por muitas questões como falta de investimento, a péssima infraestrutura entre outras coisas.